

Companhia na crise



# Companhia na crise

*Um mês com John Donne e Philip Yancey*

Traduzido por Almiro Pisetta



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2021 por Philip Yancey

As citações bíblicas foram extraídas e adaptadas da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo a seguinte indicação: *Almeida Corrigida e Fiel* (ACF), da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Imagem de capa: "Tempestade no mar da Galileia" (1633), pintura em óleo sobre tela de Rembrandt van Rijn

CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Y22c

Yancey, Philip

Companhia na crise : um mês com John Donne e Philip Yancey / Philip Yancey ; tradução Almiro Pisetta. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.

160 p.

Tradução de: A companion in crisis  
ISBN 978-65-5988-073-7

1. Donne, John, 1572-1631 - Crítica e interpretação.  
2. Religião e literatura. 3. COVID-19, Pandemia, 2020 - Aspectos religiosos. 4. Meditação - Cristianismo. I. Pisetta, Almiro. II. Título.

22-75974

CDD: 248.34

CDU: 27-583

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Edição  
Daniel Faria

Revisão  
Natália Custódio

Produção e diagramação  
Felipe Marques

Colaboração  
Ana Luiza Ferreira  
Marina Timm

Capa  
Douglas Lucas

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade

1ª edição: abril de 2022

*Se não houvesse alguma luz,  
não poderia haver sombra nenhuma.*

John Donne



# Sumário

<i>Prefácio</i>		9
Dia 1	Um caminho através da crise	13
Dia 2	Qual o sentido disso?	18

---

## *Devoções de John Donne, parafraseado*

Dia 3	Estágio um: Primeiros sintomas	25
Dia 4	Estágio dois: Falha dos sentidos	29
Dia 5	Estágio três: Acamado	33
Dia 6	Estágio quatro: Chamando o médico	39
Dia 7	Estágio cinco: Quarentena	43
Dia 8	Estágio seis: Medo	47
Dia 9	Estágio sete: A junta médica	52
Dia 10	Estágio oito: O médico do rei	57
Dia 11	Estágio nove: Diagnóstico	61
Dia 12	Estágio dez: Sintomas furtivos	66
Dia 13	Estágio onze: O coração	70
Dia 14	Estágio doze: A respiração	75
Dia 15	Estágio treze: Uma erupção da pele	78
Dia 16	Estágio catorze: Dias críticos	82
Dia 17	Estágio quinze: Insônia	87
Dia 18	Estágio dezesseis: O sino funerário	91
Dia 19	Estágio dezessete: O sino da “passagem”	95
Dia 20	Estágio dezoito: O toque de finados	101

Dia 21	Estágio dezenove: Esperança	107
Dia 22	Estágio vinte: A purgação	113
Dia 23	Estágio vinte e um: Ressurreição	117
Dia 24	Estágio vinte e dois: A fonte	122
Dia 25	Estágio vinte e três: A recaída	127
<hr/>		
Dia 26	A inofensiva morte	135
Dia 27	A paz da aceitação	140
Dia 28	Descobrir sentido no sofrimento	146
Dia 29	Compaixão, não censura	151
Dia 30	Do medo à confiança	155

## Prefácio

Meu primeiro livro explorou a questão *Onde está Deus quando chega a dor?*, e nos sucessivos anos desde então meus textos muitas vezes trataram das questões levantadas pela dor e o sofrimento. Depois veio 2020, quando uma crise de saúde global colocou em risco cada ser humano do planeta. Em semanas, um minúsculo vírus sobrecarregou hospitais, desorganizou sistemas econômicos e eliminou as interações sociais de cada dia.

Não tínhamos nenhum manual de instruções sobre como reagir a uma pandemia — ou será que tínhamos? Os historiadores logo desenterraram lições de surtos anteriores de doenças tais como a varíola, o cólera, a peste bubônica e a gripe espanhola. Em diversas épocas, cada um desses flagelos disseminou o terror e interrompeu a vida normal. Cada pandemia reduziu os seres humanos à condição de frágeis, desorientadas criaturas diante de questões aparentemente sem respostas satisfatórias.

Onde eu poderia achar um guia que sobreviveu a esse tipo de provação e que ofereceu sabedoria a sua posteridade? Descubri a resposta num diário escrito quatro séculos antes da COVID-19. John Donne escreveu *Devoções para ocasiões emergentes* em 1623, durante uma epidemia de peste bubônica em sua cidade de Londres. Aqui, finalmente, estava um mestre tutor, um guia fidedigno para tempos de crise.

Entusiasmado com a descoberta, isolei-me num retiro nas montanhas e dei início a um projeto que me ocuparia por vários meses. Meu objetivo: tornar mais acessível para leitores do século 21 os perenes discernimentos de um de nossos maiores escritores. O entendimento e tratamento de doenças mudou radicalmente desde a época de Donne, e, no entanto, não conheço relato melhor de alguém confrontando-se com Deus durante uma crise de saúde.

John Donne compôs vinte e três meditações mapeando os estágios de sua enfermidade. Nelas estão algumas das mais famosas passagens da literatura inglesa: “Nenhum homem é uma ilha [...] nunca mandes perguntar por quem o sino dobra; ele dobra por ti”. Às meditações de Donne acrescentei sete apontamentos que explicam parte do contexto histórico do autor. Donne escreveu como uma forma de contemplação, e suas reflexões devem ser lidas nesse sentido. Recomendando que se leia um apontamento por dia por um período de trinta dias.

Fui drasticamente seletivo na editoração do texto, cortando tudo o que exigia explicações: ciência arcaica ou mitologia grega ou até mesmo passagens bíblicas obscuras. Escolhi apenas partes que pareciam ter uma relevância imediata, não apenas para a crise da COVID-19, mas para qualquer crise que desperte questões existenciais. E, hesitando diante de minha própria insolência, procurei domesticar o complicado estilo da escrita de Donne transformando-o em algo que leitores modernos pudessem facilmente absorver.

Busquei extrair da obra-prima literária de Donne verdades universais sobre como viver e como morrer. Nesta versão, você sentirá falta das aliterações, trocadilhos e recursos retóricos do autor. Caso se sinta incomodado com a minha

paráfrase, ou simplesmente curioso sobre o que está faltando, bem, eu o aconselho a baixar na internet o texto original (disponível, sem custo algum, em: <https://freeditorial.com/en/books/devotions-upon-emergent-occasions>).



Agradeço especialmente a editora de meu livro *Alma sobrevivente*, do qual extraí alguns de meus comentários. Minha agente literária, Kathryn Helmers, prestou-me ajuda valiosíssima na concepção deste projeto, e minha assistente executiva, Joannie Degan Barth, fez um trabalho inestimável durante todo o processo.



## DIA 1

# Um caminho através da crise

As palavras saltaram-me aos olhos logo desde a primeira página de *Devoções para ocasiões emergentes* de John Donne, quando pela primeira vez deparei com o livro por volta dos vinte e poucos anos. Conhecia a fama de Donne como sendo um dos maiores poetas da Inglaterra, mas nada me havia preparado para esse bravio relato de confrontações com Deus durante uma crise pessoal.

Na Londres do início do século 17, Donne ocupava um dos mais eminentes postos religiosos da época como deão da Catedral de São Paulo. Em meio a uma pandemia mortal, ele se extenuava para oferecer conforto espiritual a seus paroquianos. A população da cidade havia sido dizimada, e os fúnebres dobres dos sinos soavam implacavelmente todos os dias. Donne se sentia espiritualmente esgotado e desamparado. Em seguida os primeiros sintomas da doença apareceram em seu corpo, o que na opinião de seus médicos parecia um sinal evidente da peste bubônica. Durante um mês ele ficou prostrado enfermo, ouvindo o sino da igreja dobrando por outros e perguntando-se se sua morte seria a próxima anunciada.

Embora seriamente debilitado, Donne recorreu a seu instinto de escritor e conseguiu registrar cada estágio da enfermidade. *Deus, o que estás querendo nos dizer? Como podes me derrubar quando meu rebanho tão desesperadamente precisa de*

*mim? Na minha juventude fui um libertino sexual — será esta a tua maneira de cruelmente prender-me ao meu leito? Tu gostas de ver os seres humanos contorcendo-se de dor? Tu ainda curas as pessoas? Que mensagem estás tentando transmitir ao mundo?* Donne se torturava com perguntas como essas e explorava suas lembranças bíblicas em busca de discernimento e respostas.

“Ó Deus, meu Deus!” Seguindo os passos da tradição de Jó e Agostinho, Donne escreveu seu livro na segunda pessoa, dirigindo-se a Deus diretamente. Pelo estilo, os textos de *Devoções* diferem de seus imponentes sermões, ou de sua jocosa, sagaz poesia. São pessoais, acalorados, melancólicos, beirando a instabilidade. Refletem o estado febril de um autor pensativo empurrado para a beira do abismo.

Conforme Donne escreve, seu ponto de vista varia entre a confiança sublime e a paranoia. Em termos de hoje em dia, ele mostra uma abordagem de Deus passiva-agressiva, ora exigindo, ora timidamente se retraindo. Às vezes ele usa seu diário como uma forma de terapia cognitiva, persuadindo-se a ter fé quando não tem fé alguma, e esperança quando o que sente é apenas desespero.

Enquanto estava me abrigando em meu refúgio durante os primeiros dias da pandemia da COVID-19, retornei ao livro de Donne mais uma vez, impressionado por sua direta aplicação a nossa crise moderna. Desde sua época, a ciência mudou tanto a ponto de tornar-se irreconhecível. Os conceitos de universo de Galileu e Copérnico estavam apenas começando a circular em sua época, e a teoria dos germes na medicina não havia sido descoberta. Os médicos de Donne o trataram com sangrias, pombos aplicados a sua cabeça para afastar vapores e humores e pombas aplicadas a suas “partes inferiores” para afastar outro conjunto de vapores. No

entanto, os protestos de Donne contra Deus poderiam ter sido escritos ontem.

Durante a leitura, eu via Donne lutando com muitas das mesmas questões que seriam verbalizadas durante a pandemia da COVID-19 quase quatrocentos anos depois. Claustrofobicamente confinado em seu quarto, ele deixava sua mente divagar, em busca de entendimento daquilo que estava vivendo. Pensei em nossos equivalentes modernos, em pacientes quarentenados em UTIs, o corpo deles tratado como peças quebradas de máquinas, a sós a não ser pelo aparecimento ocasional de auxiliares usando máscaras e uniformes espaciais. Ventiladores e tubos respiratórios não existiam na época de Donne, mas as rudes técnicas de purgação ou de sangria também faziam o tratamento parecer pior do que a doença.

O que um grande escritor nessas circunstâncias produziria hoje, especialmente um escritor de fé? Talvez algo muito parecido com *Devoções* de John Donne. Seu diário de luta com Deus é atemporal, aplicando-se não apenas a crises de enfermidades, mas a qualquer tipo de crise, grande ou pequena, que nós modernos enfrentamos neste nosso atribulado planeta.

Durante toda a crise, Donne nunca perde sua sagacidade ou seu domínio da língua inglesa. O resultado é um feito tão duradouro que, quando em 2017 o jornal britânico *The Guardian* selecionou os cem melhores livros de não ficção de todos os tempos, *Devoções* de John Donne entrou na lista.

Ao longo dos anos, comprei exemplares de *Devoções* para presentear amigos. “Você leu o livro?”, perguntei muitas vezes, só para ouvir acanhadas respostas como: “Tentei, de verdade, mas não consegui superar a linguagem e a sintaxe antiquadas”. Algumas das frases de Donne vagueiam através

de um labirinto de orações subordinadas e enfileiram mais de duzentas palavras. Apesar das preciosas percepções da obra, poucas pessoas leem esse livro hoje em dia fora de um contexto acadêmico, e até mesmo estudiosos precisam de um comentário que os ajude a explicar certas alusões obscuras.

Donne publicou seu livro apenas uma década depois da aparição da Bíblia do Rei Jaime, que hoje conta com dezenas de traduções e paráfrases para auxiliar o leitor moderno. Num gesto de ousadia ou de loucura, decidi tentar uma paráfrase moderna dessa obra clássica sobre o sofrimento.

Entre outras coisas, a COVID-19 nos fez lembrar que somos mortais; 100% de nós vão morrer. Alguns contemporâneos parecem quase ofender-se ante o fato da morte. Donne escreveu numa época em que a morte era muito normal, quando metade das crianças morria antes de chegar à idade adulta e a expectativa de vida era de trinta e três anos.

A dra. Lydia Dugdale, uma médica de Nova York que atuou na linha de frente do combate ao coronavírus, viu a pandemia como uma oportunidade de recuperação da arte de morrer, ou *Ars Moriendi*. As pessoas da Idade Média se preparavam para a morte como um ator possivelmente se prepararia para uma apresentação final. Os preparativos incluíam o arrependimento de pecados, tentativas de sanar rupturas familiares, divisão do testamento e a reunião de entes queridos para as palavras finais da pessoa moribunda. Enquanto Dugdale trabalhava em seu livro *The Lost Art of Dying: Reviving Forgotten Wisdom* [A perdida arte de morrer: Reavivamento da sabedoria esquecida], por toda parte ao seu redor vítimas da COVID estavam morrendo sozinhas, incapacitadas de falar, isoladas dos membros da família.

*Devoções* de Donne pode ser visto como uma espécie de prelúdio da morte, embora não no clássico gênero da *Ars Moriendi*. Donne aceitava como uma questão de fato que o sofrimento era verdadeiramente o “megafone de Deus”. Isso, porém, não o impediu de responder aos gritos. Ele tinha um estilo mais consoante com o de Dylan Thomas:

Não entres dócil nessa noite que seduz,  
Velhice deve arder, rosnar no fim do dia;  
Com raiva, raiva contra o morrer de sua luz\*

John Donne ardeu, delirou e rosnou. Ao registrar seus conflitos para a posteridade, tornou-se um guia que pode nos ajudar a enfrentar nossos próprios medos e confusão em meio a uma crise, e ao mesmo tempo encontrar saída através dela.

\* *Do not go gentle into that good night, / Old age should burn and rave at close of day; / Rage, rage against the dying of the light.*

## DIA 2

# Qual o sentido disso?

Não importa onde começo, geralmente acabo escrevendo sobre a dor. Meus amigos sugeriram várias razões para essa tendência: uma profunda cicatriz trazida da infância ou talvez uma dose bioquímica extra de melancolia. Não sei. Só sei que me proponho escrever sobre algo lindo, como as diáfanas asas de uma libélula, e logo me vejo de volta às sombras, escrevendo sobre a breve, trágica vida de uma libélula.

“Como posso escrever sobre qualquer outra coisa?” Essa pergunta contém a melhor explicação que posso imaginar. Existe algum fato mais fundamental na vida humana? Nasci na dor, passando espremido por entre tecidos rasgados e ensanguentados, e, como minha primeira prova de vida, apresentei um choro. Provavelmente também vou morrer sentindo dor. Entre esses dois pontos extremos, vou vivendo meus dias, capengando do primeiro até o final. Como diz George Herbert, contemporâneo de John Donne: “Chorei quando nasci, e cada dia mostra por quê”.

A doença de John Donne foi apenas o mais recente encontro em uma vida marcada pelo sofrimento. Seu pai morreu no quarto ano de vida de John. A fé católica de sua família mostrou-se uma deficiência incapacitante naqueles tempos de perseguição protestante: católicos não podiam ocupar cargos, eram multados por frequentar a missa, e muitos foram torturados por suas crenças. (A palavra “oprimido” deriva de uma técnica de tortura popular: católicos impenitentes eram

deitados embaixo de uma prancha sobre a qual eram acumuladas pedras pesadas para literalmente *espremer* a vida dos mártires.) Depois de distinguir-se em Oxford e Cambridge, Donne não pôde receber nenhum diploma devido a sua filiação religiosa. Seu irmão morreu no cárcere, preso por ter abrigado um sacerdote.

Inicialmente Donne reagiu a essas dificuldades rebelando-se contra toda fé. Notório Don Juan, ele celebrou suas proezas sexuais em alguns dos poemas mais explicitamente eróticos de toda a literatura inglesa. No fim, destroçado pela culpa, renunciou a seu promíscuo estilo de vida optando pelo casamento. Tinha-se rendido ao fascínio de uma beldade de dezessete anos de idade tão vivaz e brilhante que o lembrou da luz solar.

Num golpe de amarga ironia, exatamente quando Donne decidiu sossegar na vida, sofreu uma calamitosa reviravolta. O pai de Anne More decidiu punir seu novo genro, considerando-o desqualificado. Fez que John fosse despedido de seu emprego como secretário de um nobre e mandou prendê-lo na cadeia junto com o ministro que realizou seu casamento. Desconsolado, Donne escreveu seu mais lacônico poema: “John Donne, Anne Donne, Un-done”.\*

Depois de deixar a cadeia, Donne, agora estigmatizado, não conseguia achar nenhum outro emprego. Tinha perdido qualquer oportunidade de realizar sua ambição de servir na corte do Rei Jaime. Durante quase uma década ele e a esposa viveram na pobreza, numa casa apertada que ia se enchendo de filhos à razão de um por ano. Anne estava sujeita a períodos de depressão, e mais de uma vez quase morreu no parto. John, provavelmente subnutrido, sofria de agudas crises de dor de

\*Note-se o jogo de palavras: Donne = *done* = feito; *un-* = des; *un-done* = des-feito. (N. do T.)

cabeça, cólicas intestinais e gota. Seu trabalho mais longo nessa fase foi um extenso ensaio sobre as vantagens do suicídio.

Em algum momento durante essa época sombria, John Donne converteu-se à Igreja da Inglaterra. Sua carreira estando bloqueada em todas as direções, ele decidiu, aos quarenta e dois anos, ordenar-se como sacerdote anglicano. Seus contemporâneos mexeriqueiros comentaram sua “conversão de conveniência” e zombaram dele dizendo que na verdade “queria ser embaixador em Veneza, não embaixador de Deus”. Mas Donne considerou aquilo uma verdadeira vocação. Obteve um doutorado em teologia na Universidade de Cambridge, prometeu deixar de lado sua poesia por amor ao sacerdócio e dedicou-se exclusivamente ao trabalho paroquial.

Um ano depois de Donne aceitar sua primeira tarefa como capelão, Anne morreu. Anne tinha dado à luz doze crianças ao todo, cinco das quais morreram na infância. John fez o sermão do funeral da esposa, escolhendo como seu texto uma tocante passagem autobiográfica do livro de Lamentações: “Eu sou aquele que viu as aflições” (Lm 3.1). Fez no ato um solene juramento de não voltar a se casar, para evitar que uma madrasta causasse mais tristeza a seus filhos, decisão que conseqüentemente significou que ele teve de assumir muitas tarefas domésticas.

Esse, então, foi o sacerdote indicado para a Catedral de São Paulo em 1621: um eterno melancólico, atormentado pela culpa de pecados cometidos na juventude, fracassado em todas as suas ambições (exceto a poesia, que havia renegado), maculado por acusações de insinceridade. Dificilmente parecia um candidato provável para elevar o ânimo de uma nação em tempos de peste. Apesar disso, Donne se dedicou energicamente a sua nova tarefa. Recusou-se a juntar-se aos